

Sistema Penal & Violência

Revista Eletrônica da Faculdade de Direito
Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Porto Alegre • Volume 7 – Número 2 – p. 265-276 – julho-dezembro 2015

VIOLÊNCIA, CRIME E SEGURANÇA PÚBLICA

Individualismo, violência criminal e a construção social da vida cotidiana

Individualism, criminal violence and social construction of everyday life

ALBINO JOSÉ EUSÉBIO
KÁTIA MENDONÇA

Editor-Chefe
JOSÉ CARLOS MOREIRA DA SILVA FILHO
Organização de
JOSÉ CARLOS MOREIRA DA SILVA FILHO



Individualismo, violência criminal e a construção social da vida cotidiana*

Individualism, criminal violence and social construction of everyday life

ALBINO JOSÉ EUSÉBIO^a

KÁTIA MENDONÇA^b

Resumo

No presente ensaio discutimos a relação entre a violência criminal e a construção social da vida cotidiana. Ao longo da nossa reflexão buscamos demonstrar como o enraizamento da violência criminal, no contexto de Belém-PA, influencia em até o que se pode denominar de “pequenas coisas” de vida cotidiana, desde o simples fato de não sair numa determinada hora à rua, até ao que se denomina de “arquitetura de medo”, caracterizada, por um lado, por uma paisagem de casas, pontos comerciais e prédios públicos protegidos o tempo inteiro por elementos como grades e cercas elétricas, por outro, pela proliferação de condomínios fechados, consolidando-se uma política de segregação social.

Palavras-chave: violência criminal; individualismo; Martin Buber; vida cotidiana.

Abstract

In this paper we discuss the relation between the criminal violence and social construction of everyday life. During of our reflection we aim to demonstrate how the rootedness of criminal violence in the context of Belém influences in what we may call “little things” of everyday life: we talk about the simple fact of not leaving home at a certain time, until what we can call “fears architecture”, characterized, on one hand by a landscape of houses, commercial establishments and public buildings all the time protected by elements such as grids and electric fences and on the other hand, by the proliferation of closed or private condominiums, consolidating in this way a social segregation policy.

Keywords: criminal violence; individualism; Martin Buber; everyday life.

* As principais ideias debatidas no presente ensaio foram originalmente apresentadas na forma de comunicação oral, – com o título “Imagens e sociedade: a midiaticização da violência e da criminalidade, sua influência na construção social da vida cotidiana”, – no grupo temático “Imagem, imaginário e ética na sociedade contemporânea” no I Encontro de Antropologia Visual da América Amazônia – IEAVAAM, realizado no período de 04 a 06 de novembro de 2014, na Universidade Federal do Pará – UFPA.

^a Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará – PPGSA/UFPA-PA. Bolsista da Capes. Mestre em Sociologia pelo PPGSA/UFPA-PA. <albinoeusebio@outlook.com>

^b Doutora em Ciência Política. Pós-Doutorado em Ética. Professora do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará – PPGSA/UFPA-PA. <guadalupelourdes@hotmail.com>

Apresentação

Quando em 1997, Michel Wieviorka propõe “o novo paradigma da violência” e dez anos depois escreve “Violência hoje” (WIEVIORKA, 2007), dois aspectos importantes, podemos deduzir que este sociólogo estava convicto:

O primeiro é que a violência se constitui em si como um fenômeno dinâmico e sofre transformações ao longo do tempo, – isso pode se constatar quando logo no início do seu artigo “o novo paradigma da violência” afirma que, “a violência não é a mesma de um período para o outro (...) quer se trate das manifestações tangíveis do fenômeno, e suas representações ou da maneira como as ciências sociais a abordam, mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que continuidades” (WIEVIORKA, 1997, p. 7) – e logicamente no espaço, em função das transformações que ocorrem no mundo¹.

É em função dessas transformações que se justifica, por exemplo, a necessidade de se repensar, – embora não esquecendo, que “elas não raro trazem uma luz útil para compreender uma experiência concreta da violência” (WIEVIORKA, 2007, p. 1152), – o que o autor considera de abordagens clássicas da violência², na medida em que, elas já “não satisfazem o pesquisador de tanto que passam ao largo de dimensões, todavia essenciais, que só podem verdadeiramente começar a ser abordadas introduzindo-se uma noção que em geral não é do âmbito de estudo da violência, a noção do sujeito”.

Aliás, modelar o enfoque paradigmático do fenômeno da violência, – para que seja “analisada no interior de um espaço teórico complexo, capaz de integrar o campo do conflito e o da crise. Indo mais além, ampliando-se, de um lado, no sentido de levar em consideração o sujeito, impossível, frustrado ou que funciona fora de qualquer sistema ou de normas, e de outro, levando em consideração condutas que mais além da crise são reveladoras de uma verdadeira desestruturação ou de desvios capazes de levar ao caos e à barbárie” (Wieviorka, 1997, p. 14), – constitui, do ponto de vista teórico, o cerne do que o autor denomina “novo paradigma da violência” (WIEVIORKA, 1997).

A ideia de transformação da violência em função do tempo, e também do espaço é um fato indiscutível. Hoje, novos desafios surgem quanto a esse fenômeno; se por um lado, a nível global, a autodestruição do sujeito, isso para usar as palavras do próprio Michel Wieviorka, (2007), como o “imperativo” da destruição do outro vem se tornando, por exemplo, frequente na medida em que o terrorismo vem-se tornando um desafio sem precedentes para os estados mundiais; por outro, a nível local, vem se consolidado fortemente, por exemplo, a relação entre a violência e a mídia, tendo como uma das consequências o que podemos denominar “constante midiaticização” da violência, que desafia as dimensões espaciais e temporais e se constitui um fenômeno catalizador na construção de um sentimento coletivo e generalizado de insegurança, ao mesmo tempo em que, reforça o imaginário e a cultura do medo; ou seja, a violência midiática vem ocupando um lugar preponderante no cotidiano dos indivíduos³.

O segundo aspecto, e que consideramos mais relevante, é que vivemos num mundo violento, ou seja, a violência, – um fenômeno que é cada vez mais considerado, segundo Michel Wieviorka (2007, p. 1150), por

¹ Wieviorka (2007) cita, por exemplo, o fim da Guerra fria, o declínio do movimento operário e acima de tudo a globalização como transformações de relevante importância no que concerne ao espectro da violência a nível mundial.

² O autor destaca três teorias clássicas da violência. A primeira e a insiste na ideia de que a violência é uma conduta de crise, uma resposta à mudança na situação dos atores que reagem principalmente pela frustração. Essa abordagem tem suas bases, segundo o autor, em Alexis Tocqueville. A segunda destaca a violência como uma conduta que nada mais é que um recurso mobilizado por atores como meio para atingir seus fins. Essa teoria apoia-se nos trabalhos do historiador de Charles Tilly e na tese de mobilização de recursos de Anthony Oberschall. A terceira teoria é a que destaca a relação entre a cultura e violência. Dentro dessa teoria, se por um lado, alguns autores fazem da cultura o contrário da violência, tal como é o caso de Norbert Elias no seu trabalho sobre o processo civilizatório, outros insistem nos vínculos entre certas culturas e violência como é o caso do estudo de Theodor Adorno sobre antisemitismo. (WIEVIORKA, 2007).

³ Para algumas abordagens críticas ao fenômeno da superposição midiática de imagens da violência, tendo o campo televisivo como suporte material e tecnológico da sociedade-espetáculo, ver: MENDONÇA (2013a).

ser “aquilo que afeta existências singulares, pessoais e coletivas e não apenas, como com frequência ocorre, aquilo que põe em questão a ordem social ou política; o Estado que se supõe dela deter o monopólio legítimo”, conforme preconizado pela sociologia weberiana, – vem-se constituindo como uma das características mais “sonantes” nas sociedades contemporâneas. Essa característica sonante da violência pode-se constatar, por exemplo, no contexto de Belém e de um modo geral do Brasil pelo surgimento do que o sociólogo Sergio Adorno (2002a) denomina de sentimento coletivo e generalizado de insegurança e uma cultura de medo que caracteriza o cotidiano dos indivíduos.

Importa destacar que a violência, tal como qualquer mal, se fundamenta numa interação subjetiva, as suas ações recaem, independentemente das suas causas, direta ou indiretamente no outro; seja a alienação, isso usando o exemplo do filósofo Paul Ricoeur (1988), resultante, tal como destaca a teoria marxista, da redução do homem a mercadoria, seja na corrupção, narcotráfico, bem como na cotidiana violência criminal caracterizada pelo que podemos chamar de meros crimes de furto de celular, etc. (EUSÉBIO, 2015).

De acordo com Paul Ricoeur, “a violência é exercida por um homem para outro homem, fazer mal é, de modo direto ou indireto, prejudicar alguém; o mal cometido por alguém encontra sua intersecção no mal sofrido por outrem” (RICOEUR, 1988, p. 25). É esta relação entre a violência e o indivíduo que é o foco da nossa discussão no presente ensaio, no qual, partindo do pressuposto de que Belém é uma cidade criminalmente violenta⁴ onde o sentimento de insegurança, o imaginário e a cultura do medo caracteriza o cotidiano dos indivíduos, buscamos fazer uma reflexão sobre a influência que essa “caraterística violenta” ou o enraizamento da violência criminal e conseqüentemente da cultura e do imaginário do medo tem no que chamaríamos, usando as palavras de Berger e Luckmann, (2004), de construção social da vida cotidiana dos moradores, nesta realidade sociocultural.

Nessa “aventura arriscada” nos apoiamos nas narrativas de alguns estudantes da Universidade Federal do Pará (UFPA) colhidas principalmente em “lamentos do dia a dia”⁵ (o que evidencia a nossa proximidade com os sujeitos) sobre a percepção e as experiências de violência no contexto de Belém. Trata-se de narrativas que refletem casos específicos de cada sujeito e devem ser entendidas dentro desse contexto, porém acreditamos que isso não faz deles irrelevantes para pensar a questão da violência criminal. Importa frisar que não se trata aqui de apresentar resultados empíricos de uma pesquisa específica, ou, por exemplo, de um estudo de caso sobre violência em Belém, simplesmente nos apoiamos nas narrativas desses estudantes que as entendemos como “lamentos do dia a dia” para traçarmos essa “primeira aproximação” entre o enraizamento da violência criminal e a vida cotidiana e pensar essa relação de influência do primeiro para com o segundo. Neste contexto, não se busca aqui apresentar “conclusões definitivas”, mas uma interpretação que pode ser sujeita a outras interpretações a partir de outras perspectivas metodologias e ou contexto sociocultural.

A nossa discussão está dividida em duas partes, na primeira trazemos, no âmbito de um olhar sobre as causas da violência criminal no contexto brasileiro, uma reflexão sobre a relação entre individualismo – um fenômeno que é ponto de partida, por exemplo, para uma indiferença perante o Outro – e a violência criminal. Na segunda parte abordamos, centrando-nos no contexto de Belém, a principal proposta do presente ensaio, que é a relação entre violência criminal e a vida cotidiana.

⁴ Segundo o relatório publicado pela ONG Mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Criminal com dados relativos ao ano de 2014, Belém é a décima oitava cidade entre as 50 cidades mais violentas do mundo. Ocupando nona posição se olharmos somente para o ranking brasileiro. Ver o respectivo relatório: disponível em: <<http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/biblioteca/download/6-prensa/200-as-50-cidades-mais-violentas-do-mundo-em-2014>>, acesso no dia 25 nov. 2015. A cidade se destaca também no que concerne, por exemplo, ao homicídio de mulheres, ver: Waiselfisz, (2015). Para mais informações ver também: *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (2015).

⁵ Alguns desses “lamentos” foram colhidos em “rodas de conversas” nos corredores da universidade. E foram elas que inspiraram o presente ensaio.

Individualismo e a violência criminal

Assumimos nesse tópico que Belém é uma cidade criminalmente violenta, porém essa não é, logicamente, uma característica exclusiva desta realidade sociocultural. A criminalidade constitui um fenômeno contumaz no contexto brasileiro como um todo, desde os crimes comuns até a violência fatal conectada ao crime organizado (ADORNO, 2002a). Não constitui um equívoco afirmar que, o Brasil é uma sociedade onde o crime organizado, concretamente o tráfico de drogas, encontra-se enraizado em diversos setores da sociedade.

Se por um lado, a comunidade convive, no seu cotidiano, com armas e drogas, por exemplo, nas “famosas favelas” ou no caso de Belém, nas “baixadas”, – bairros habitacionais resultantes, usando as palavras da socióloga Violeta Loureiro⁶, de uma estratégia de sobrevivência habitacional que as populações de baixa renda encontram para viver, morando em lugares próximos de onde alguns serviços básicos, como saúde e escola são oferecidos e que se situam em áreas mais urbanizadas da cidade; isto inclui a proximidade de seu próprio trabalho ou de lugares com maiores possibilidades de conseguir um trabalho. Mas que hoje o nome “favela” transmite um imaginário de violência, insegurança e medo; – uma situação que está associada, tal como destaca a socióloga Alba Zaluar, de certa forma, à uma maior facilidade de se obter armas de fogo, influenciada pelo “advento de novas formas de crime organizado vinculadas ao tráfico de drogas” (ZALUAR, 2012, p. 334).

Por outro, o narcotráfico promove, segundo o sociólogo Sergio Adorno, a desorganização das formas tradicionais de sociabilidade entre as classes populares urbanas, estimula o medo das classes médias e altas e enfraquece, de certa forma, a capacidade do poder público de aplicar a lei e a ordem (ADORNO, 2002a, p. 88). Qualquer indivíduo pode ser agressor ou vítima de ações criminosas, em qualquer lugar e a qualquer momento. Tal como destaca o antropólogo Gilberto Velho:

Ninguém mais se sente seguro: nem empresas nem indivíduos. Senadores da República, ex-governadores, membros da Academia Brasileira de Letras, diplomatas, empresários e suas famílias engordam as listas de vítimas de roubo, assalto, sequestro e, eventualmente, assassinato. Elites e classes médias têm suas casas assaltadas. O que dizer das camadas populares, secularmente vitimizadas? Nas favelas, nos conjuntos habitacionais, nas periferias, os criminosos fazem praticamente o que querem, seviciando, estuprando e matando. Não há lugar protegido. Escolas, igrejas, templos, quartéis, delegacias etc. são frequentemente invadidos. As pessoas são humilhadas e desrespeitadas de todos os modos (VELHO, 2000a, p. 58).

As fortes aspirações de consumo frustradas (VELHO, 2000a), as desigualdades sociais, a segregação urbana, a anomia econômica, a exclusão social, a corrupção, a impunidade (MISSE, 1993; ADORNO, 2002a; ADORNO, 2002b; MARINO, 2002; FERREIRA, 2011; ZALUAR, 2012), associado ao desmantelamento dos mecanismos tradicionais de socialização juvenil, o distanciamento entre pais e filhos, o avanço da sociedade de consumo, a diminuição das oportunidades oferecidas pelo mercado formal de trabalho e o avanço do narcotráfico (ADORNO, BORDINI e LIMA, 1999) destacam-se como alguns dos fatores que contribuem para o enraizamento da criminalidade e da violência no contexto brasileiro, um fato que contribui para o surgimento, no seio dos indivíduos, de um sentimento coletivo e generalizado de insegurança, fazendo com que reine uma cultura de medo mundialmente disseminada. As armas de fogo e todo o mercado que se organiza pela sua produção, comercialização e distribuição, bem como o narcotráfico unem territórios distantes atingidos por violências diversas. Portanto o fenômeno da violência cotidiana em Belém não é um caso isolado, diversos fatores globais estão ligados, por exemplo, à violência das muitas “baixadas alagadiças”, focos abandono por parte das políticas públicas, desigualdades e exclusão social.

⁶ Palavras proferidas na aula de Metodologia Avançada em Ciências Sociais na turma 2013 de Mestrado em Ciências Sociais do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, 2013.

Trata-se de fatores que, tal como afirma Eusébio (2015), são próprios de uma forma capitalista de organização social onde o “individualismo”, a supremacia da “relação eu-isso” (BUBER, 2001) e a “ética da sobrevivência” (MENDONÇA, 2009; 2013b) caracterizam o que Berger e Luckmann, (2004) denominam “construção social da vida cotidiana”.

A questão do individualismo é em si paradoxal, pois, se por um lado, está vinculado à ideia de liberdade e igualdade, rompendo com a opressão e a rigidez dos sistemas tradicionais de dominação, por outro, adversativamente, constitui um ponto de partida para situações de degradação e anomias sociais, bem como do rompimento de valores, redes de reciprocidade e atuação pública, fato que contribui, tal como destaca Gilberto Velho, para a “indiferença, o narcisismo e o egoísmo que caracterizam a vida nas metrópoles brasileiras” (VELHO, 2000b, p. 21).

De acordo com o filósofo Martin Buber, – destaca Roger Calles – o individualismo conduz o homem a indiferença perante o outro, “una indiferencia por los que se mueren de hambre, por los millones que viven en la indigencia sin posibilidades de salud, educación e trabajo” (CALLES, 2004, p. 45). A indiferença que caracteriza o cotidiano dos indivíduos no mundo ocidental e o egoísmo se constituem como duas características do individualismo que são o corolário da tendência crescente da sociedade de consumo. Tal como afirma Calles (2004, p. 46) para Martin Buber,

La realización de los seres humanos depende en buena medida de su capacidad de consumo. Nunca alcanza lo que se tiene y hay que poseer una gran dosis de sabiduría como para no entronizar el mundo del espacio y moderar la permanente tensión (y competencia) por los nuevos objetos a tener. Más dramática es la situación para la mayoría de la humanidad que queda excluida, ya que sus posibilidades de tener (y por lo tanto de ser) son muy escasas. No debe sorprender que muchos jóvenes busquen modelos alternativos a la civilización occidental y que sobrevenga un fuerte rechazo y resentimiento a la cosmovisión liberal. Pueden buscar acogida en modelos orientales o en misticismos, en organizaciones religiosas fundamentalistas o incluso en estructurasterroristas capaces de generar situaciones de gran acogimiento y pertenencia. Las personas se pueden sentir hermanadas y reunirse no como una comunidad casi genuina. Resulta entonces secundaria la concepción del mundo que los reúne, o el odio que los reúne, el compromiso con el otro dentro del grupo es inmenso.

Ainda de acordo com a visão de Martin Buber, o individualismo, – que é uma das características “sonantes” nas sociedades contemporâneas e um elemento catalizador para a violência, na medida em que se institui, tal como afirmamos acima, como ponto de partida para a indiferença perante o outro – constitui umas das formas mais fechadas de existência humana, pior, segundo o autor, que o dogmatismo. Pois na sua visão,

por lo menos el que creen un dogma confía en los otros que creen en el mismo dogma. Es cierto que el dogmatismo ha llevado a la muerte a los que no creen como uno, pero el individualista, preocupado y ocupado en su propia vida, deja que miles mueran porque no son de su incumbencia. En primer caso es fácil señalar al individuo como responsable, pero en el segundo caso la conciencia de la responsabilidad está casi tan ahogada que las personas se excusan precisamente diciendo que no son responsables. Responsables son los otros. (CALLES, 2004, p. 49).

A ausência de responsabilidade “no son responsables, responsables son los otros”, que caracteriza, na visão de Buber, o individualista e conseqüentemente a forma de ser e estar dos indivíduos nas sociedades contemporâneas está associado, no que concerne, a violência e criminalidade, ao que, para o filósofo Paul

Ricoeur, constitui um dos pontos críticos das sociedades modernas, a ausência de sentimento de culpabilidade (RICOEUR, 1998; 2004).

Importa destacar que, a ausência de sentimento de culpabilidade, destacada por Ricoeur (1998), não está relacionada a uma patologia do indivíduo ou algo inato ou mesmo a uma disfunção psíquica, ainda que em algumas situações possa ser, mas sim, a uma construção social, ou uma “consequência da modernidade” e de certa forma, não pode ser visto, de forma dissociada dos fatores – como as fortes aspirações de consumo frustradas, as desigualdades sociais, a segregação urbana, a anomia econômica, a exclusão social, a corrupção, o desmantelamento dos mecanismos tradicionais de socialização juvenil – acima destacados. Ou seja, esses fatores se tornam, em certos contextos, um elemento “catalizador” da ausência de sentimento de culpabilidade na medida em que, podem contribuir para o ofuscamento, usando o conceito de Adorno e Horkheimer (1985), do olhar sobre o outro e conseqüentemente para a indiferença perante o outro, a ponto de “até a morte do outro justifique o meu sucesso e prosperidade”, tal como constatamos, por exemplo, num estudo sobre a reincidência criminal em Moçambique (EUSÉBIO, 2015, p. 106-107).

As fortes críticas de Martin Buber ao individualismo constituem, de acordo com Calles (2004), a base da sua crítica à filosofia liberal principalmente a concepção de que “a liberdade de um termina onde começa a liberdade do outro”. Para o autor, o mundo é dialógico do encontro do homem com o homem, neste contexto a liberdade de um não está limitada pela liberdade de outro não tão pouco se reparte, pois, a liberdade de um só é possível com a liberdade do outro.

A concepción liberal del hombre se apoya en una relación sujeto-objeto, donde el sujeto conoce y se vincula con el mundo objetivo que está enfrente. Cuando se trata del mundo del espacio, esto es necesario, pero cuando se trata de las relaciones entre las personas, si reducimos al otro a algo susceptible de ser conocido y utilizado, caminamos en dirección a la intemperie existencial. Es imposible vivir permanentemente en la relación ‘yo-tu’ dice Buber, pero intentar vivir ahogando el ‘tu’ que surge de la relación con el otro y reducirlo a un ‘ello’ nos coloca frente a un vacío abismal (CALLES, 2004, p. 20).

A relação eu-tu e a relação eu-isso exprimem, tal como evidencia, Eusébio (2015), o que podemos denominar dualidade da relação humana na vertente buberiana. Se a relação eu-tu pressupõe o cerne da relação humana, um olhar do outro como um sujeito dotado de humanidade, centra-se nos valores éticos e da dignidade humana e é o esteio para a vida dialógica, a relação eu-isso que constitui uma contraparte da relação social, pressupõe uma relação sujeito-objeto, ou como afirma Martin Buber, “um olhar do mundo como experiência” (BUBER, 2001, p. 6) ou ainda simplesmente como um objeto de conhecimento e da utilização.

O importante a destacar é que, a relação eu-tu e eu-isso não se resume simplesmente a uma relação inter-humana, estende-se também à forma como nos relacionamos com a natureza e com o transcendente. Conforme pode se constatar nas palavras do próprio autor:

O mundo da relação se realiza em três esferas. A primeira é a vida com a natureza. Nessa esfera a relação realiza-se numa penumbra como que aquém da linguagem. As criaturas movem-se diante de nós sem possibilidade de vir até nós e o tu que lhes endereçamos depara com o limiar da palavra. A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o tu. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa, mas gerando a linguagem. Nós proferimos, de todo nosso ser, a palavra princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la (BUBER, 2001, p. 6-7).

Há que destacar que as duas relações são imprescindíveis para a relação social enquanto o cerne e fundamento da sociedade. A relação eu-isso de *per se* não constitui um mal para a humanidade, o problema surge quando a relação eu-isso ofusca a relação eu-tu, neste caso quando há uma supremacia da relação eu-isso em relação eu-tu. “O homem não pode viver sem o isso, mas aquele que vive somente com o isso não é o homem” (BUBER, 2001, p. 39). Essas palavras de Martin Buber, proferidas bem no final do primeiro capítulo do eu-tu, destacam, de certa forma, a importância, da relação intersubjetiva, do outro e da relação eu-tu na existência da própria humanidade, isso porque se centra, por exemplo, nos valores fundamentais e éticos da dignidade humana. Uma dignidade que está sendo de certa forma “ofuscada”, isso para usar o conceito de Adorno e Horkheimer (1985), pelo “individualismo” que caracteriza as sociedades contemporâneas (EUSÉBIO, 2015).

A relação eu-isso é orientada pela racionalidade instrumental, cálculo e ganho, características próprias de sociedades contemporâneas que são marcadas pelo que a cientista social Kátia Mendonça (2009; 2013b) denomina de “ética da sobrevivência” que é resultado da perda dos laços de solidariedade que garantem a vida, e se caracteriza pelo “ofuscamento” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985) que se fundamenta, não só, em um olhar que extingue o sujeito, e que não o vê como dotado de humanidade, como também, em uma relação onde os fins justificam os meios e até mesmo a eliminação do outro (MENDONÇA, 2009; 2013b), ou seja, uma “ética” que é em si uma das consequências da regressão ética provocada pela razão instrumental, onde o homem se torna “individualista, anti-solidário e anti-comunitário” (MENDONÇA, 2009, p. 47).

As abordagens de Martin Buber são, em si, uma transição para chegarmos a um elemento que para Velho (2000a), tem sido ignorado nas abordagens socioantropológicas da violência e criminalidade; “a dimensão moral, ética, do sistema de valores, bem como a perda de credibilidade e de referências simbólicas significativas que destroem as expectativas de convivência social elementares”, ou seja, “a questão da crise de valores éticos morais e do Outro como causa da violência”. De acordo com Velho,

Sem dúvida a pobreza, a miséria e a iniquidade social constituem historicamente um campo altamente propício para a disseminação da violência. No entanto, creio que não tem sido dada a devida atenção para a dimensão moral, ética e do sistema de valores como um todo, para a compreensão desse fenômeno. A perda de credibilidade e de referências simbólicas significativas destrói expectativas de convivência social elementares. Filósofos, pensadores e cientistas sociais das mais variadas orientações mostram como a sociedade só é viável mediante um mínimo de valores e padrões compartilhados. Por exemplo, o ataque físico a pessoas idosas já se tornou rotina no cotidiano das grandes cidades brasileiras. Em outros países com alto índice de pobreza, como a Índia, essas cenas são inimagináveis. Esse tipo de evento era, também, até pouco tempo atrás, muito raro no próprio Brasil, motivo de escândalo e indignação. Hoje banalizou-se assim como outras notícias de crueldade contra mulheres, crianças, pessoas doentes etc. Trata-se, claramente, de uma crise ético-moral. A família, a escola e a religião não têm sido capazes, por sua vez, de resistir a essa deterioração de valores (VELHO, 2000a, p. 58).

Um dos expoentes mais altos dessa crise ético-moral destacado por Gilberto Velho (2000a) na sua análise sobre o desafio da violência na sociedade brasileira vai ser o que já referenciamos acima, como ausência de sentimento de culpabilidade, que é para Paul Ricoeur (1998) um das características devastadoras das sociedades modernas.

Segundo Ricoeur (1998), vivemos atualmente, em um período de falta de culpabilidade, onde as pessoas não têm qualquer sentimento de culpabilidade por ter, por exemplo, matado alguém e com isso não há então qualquer possibilidade de fazer um caminho positivo de reconstrução de identidade moral. Ou seja, um

período no qual, enquanto alguns toleram o intolerável, outros são excluídos do sentimento de culpabilidade, da responsabilidade individual do mal praticado.

A crise de valores, como um fato que não pode ser ignorado nas abordagens sobre a violência se fundamenta na concepção lógica, já acima citada, de que toda violência criminal, tal como qualquer mal, é uma interação subjetiva e constitui uma ação que recai direta ou indiretamente sobre o indivíduo, ou seja, “a violência é exercida de homem para o homem, fazer mal sempre de modo direto ou indireto é prejudicar alguém; o mal cometido por alguém encontra sua intersecção no mal sofrido por outrem” (RICOEUR, 1988, p. 25), seja na alienação resultante da redução do homem a uma mercadoria, seja na corrupção, no narcotráfico ou mesmo no que podemos chamar de meros crimes de furto de celular e de carro.

Com isso queremos sugerir, em jeito de uma primeira consideração, que as causas do enraizamento da violência criminal na sociedade brasileira, e concretamente em Belém, não podem ser vistas, de forma dissociada da crise de valores éticos e morais, da perda de credibilidade e de referências simbólicas significativas que destroem as expectativas de convivência social elementares; da falta de culpabilidade e da indiferença perante o outro, características que são próprias das sociedades modernas. Sociedades essas que de acordo com Mendonça, são “totalmente voltadas para a tecnologia e mercado e que se olvidam dos mais elementares laços do inter-humano” (MENDONÇA, 2009, p. 46). Bem como, o que Eusébio (2014), denomina de “eclipse de outro”, – inspirando-se nas palavras “*eclipse de dios*” de Martin Buber (1984) – uma espécie de cegueira ética ou ofuscamento (ADORNO e HORKHEIMER, 1985) onde, por exemplo, os interesses materiais “impedem” um olhar sobre o outro; ou seja, o indivíduo não enxerga o outro, não tem a consciência ou não se importa com a consequência dos seus atos no outro em função dos seus interesses particulares e individualistas⁷.

Quais as implicações que o enraizamento da violência criminal tem na vida cotidiana dos indivíduos? Essa é a questão que surge neste momento e que buscamos dar a resposta em seguida, centrando o nosso horizonte reflexivo ao contexto da cidade de Belém.

Violência criminal e a vida cotidiana

No presente tópico nos propomos a analisar a influencia da violência na vida cotidiana da cidade de Belém. Para tal nos apoiamos, tal como destacamos na introdução, em algumas narrativas colhidas numa “roda de conversa” e em “lamentos do dia a dia” de alguns estudantes da Universidade Federal do Pará (UFPA), sobre a violência criminal na cidade de Belém.

Um fato evidente em algumas narrativas, é que a palavra “sorte” resume a incerteza que caracteriza o cotidiano dos indivíduos na cidade de Belém, cidade esta, em que a expressão “arriscar” caracteriza a realidade da vida diária dos cidadãos.

(...) sair de casa ir para determinado lugar aqui em Belém é sempre arriscar e depender da sorte; a gente vive uma insegurança, hoje tu não sabes e não consegue identificar quem pode ser o criminoso, quem pode ser o teu possível agressor, qualquer pessoa pode ser um possível agressor; não sabe de onde pode vir o perigo, onde pode ser agredido, estamos vulneráveis. Hoje são “n” pessoas que podem te fazer mal, alguns tu olha e eram pessoas que aparentemente são pessoas legais e que em determinado momento cometem atos de violência que a gente não consegue explicar (LA).

Olhando especificamente para este depoimento, podemos constatar que está, indubitavelmente, patente na narrativa uma espécie de “desespero”, que se fundamenta no que Gilberto Velho denomina de uma constatação

⁷ Para uma abordagem mais profunda sobre esta questão, ver o terceiro capítulo (EUSÉBIO, 2015).

da fragilidade da vida diante de fatos imprevisíveis (VELHO, 2013). Fatos imprevisíveis, pois, se por um lado qualquer pessoa seja jovem ou adulta, aparentemente de bom comportamento aos olhos de gente humilde da comunidade ou do bairro, esteja de bicicleta ou a pé, bem vestido ou o inverso, pode ser um agente ativo das ações de violência criminal, até mesmo integrantes das torcidas organizadas, em clássicos ou não de futebol paraense.

(...) foi uma situação difícil para mim, um dia para esquecer. Eu estava voltando do Shopping onde tinha ido fazer umas compras, estava com a minha namorada; eram aproximadamente 22 horas, eu não sabia que tinha um jogo do Remo e Paysandu naquele dia. Quando descí do ônibus, vi na passarela muitos jovens da torcida vindo; subi a passarela e logo na descida estavam muitos desses jovens subindo logo a frente, senti naquele momento que não seria fácil passar por todos eles; a minha namorada já estava preocupada, mas não tinha como voltar atrás porque também do outro lado estava cheio de jovens da mesma torcida, quando tentei descer a passarela fui segurado pelos jovens que me levaram tudo até o tênis que usava na hora e deram-me um soco na cara. Foi uma situação difícil. Hoje em dia evito sair de casa nos dias de jogo do Remo e Paysandu (D.M).

Por outro, essas ações de violência criminal vão ao encontro de todos os domínios do espaço cotidiano dos indivíduos, do espaço privado ao espaço público, ou seja, desde a residência até a passarela da avenida, calçada, estabelecimentos de ensino, “paradas dos ônibus”, transportes públicos (ônibus), etc., conforme podemos constatar, por exemplo, nos narrativas de N.G:

(...) quando eram umas 6h30 por aí, cheguei ao primeiro portão da UFPA e fiquei a espera de ônibus, tinha muita gente, do nada apareceram um cinco moleques, acompanhados de um cara adulto que estava com uma arma. Ele tirou a arma e anunciou o assalto e foram recolhendo as mochilas, batendo nas pessoas, eu fiquei de boa. O cara chegou perto de mim e disse “mano passa a mochila”, eu calei e fiquei olhando para ele e do nada ele foi embora, foi muita sorte não consigo explicar. Na segunda vez foi na parada do segundo portão, também à noite, apareceram dois caras de bicicleta tiraram a arma e recolheram as mochilas e celulares das pessoas que estavam aí, eles passaram por mim e foram embora, entraram no bairro Guamá, graças a Deus não levaram nada meu, mas é sinistro mano, imagina se o cara faz uma manobra com a arma e ela dispara?

Bem como de I.B:

(...) depois de ter tido aulas na Universidade até às 8 horas da noite, na saída peguei ônibus que vai pela Av. Perimetral, numa parada depois da UFPA entraram dois caras; um pelo portão de entrada outro pelo de saída; um deles trazia uma arma enorme, recolheu o dinheiro do cobrador e o outro começou a recolher as bolsas, carteiras e celulares, eu peguei meu celular coloquei nas minhas meias, o cara veio e pediu o celular eu disse que não tinha, e ele perguntou ‘como não tem se eu te vi a falar a pouco tempo?’, fiquei com medo, eu insisti que não tinha celular, e disse a ele que tinha dinheiro na carteira, ele pegou o dinheiro e juntos foram embora.(...) O que achei estranho foi ele insistir como se o celular fosse dele. Foi tão sinistro que não volto mais a pegar ônibus que vai por aquela via naquela hora.

As narrativas acima destacadas, embora retratem casos específicos, são exemplos concretos da realidade de vida cotidiana numa sociedade caracterizada pela violência criminal em que as relações sociais são mediadas pela indiferença perante o Outro. Ou seja, numa realidade sociocultural caracterizada por um sentimento de insegurança e imaginário de medo, motivados pela vulnerabilidade face ao enraizamento da violência criminal que ocupa quase todos os domínios da vida cotidiana. O depoimento a seguir evidencia claramente umas das consequências que advém dessa realidade:

(...) depois de ter presenciado várias tentativas de assalto eu sou muito atenta a movimentos de pessoas que passam por mim, evito falar ao telefone na rua, ficar mexendo na bolsa, evito até estar com uma bolsa que chame bastante atenção em determinados horários, dou preferência por ruas mais claras com mais movimento. Isso acaba me dando uma maior segurança, eu sei que isso não, necessariamente, evita, o assalto, mas acho que diminui consideravelmente. Eu até deixo de ir para um determinado lugar por questões de segurança, por temer voltar muito tarde até prefiro não ir. O conjunto onde eu moro até não é tão perigoso, mas outra rua ou outro bairro onde eu morei, eu evitava chegar das 22 horas em diante. Essa hora normalmente eu já estava em casa (L.A).

Neste contexto, podemos dizer, em jeito de uma segunda consideração, que a vida cotidiana dos indivíduos acaba sendo caracterizada, de certa forma, por táticas de sobrevivência, inspirando-nos em Michel de Certeau (1998) diante da vulnerabilidade e incerteza eminentes. Táticas essas que vão desde o simples fato de “não sair de casa acima de uma determinada hora”, “não mexer o celular na rua”, “não ficar na universidade até às 8 horas da noite e se for imprescindível sair sempre com amigos”, “optar em ficar em casa no dia de jogo entre o Remo e Paysandu”, “evitar pegar ônibus que vai pela Av. Perimetral no período noturno”, até o que Tavares (2014) denomina de arquitetura do medo, caracterizada, por um lado, por uma paisagem de casas, pontos comerciais e prédios públicos guarnecidos, o tempo inteiro, por elementos como grades e cercas elétricas, por outro, pela proliferação de condomínios fechados consolidando-se uma política de segregação humana. O que evidencia, de certa forma, a influência que o enraizamento da criminalidade, o imaginário e a cultura do medo tem na construção social da vida cotidiana.

Considerações finais

Com este artigo pretendemos destacar uma aproximação entre a violência criminal e a construção social da vida cotidiana. Em primeiro lugar, assumimos que Belém é uma cidade criminalmente violenta. Violência essa que não pode ser vista de forma dissociada do individualismo que se caracteriza pela indiferença perante o outro; da crise de valores éticos e morais, da perda de credibilidade e de referências simbólicas significativas que destroem as expectativas de convivência social elementares; do eclipse do outro e da falta de culpabilidade, características que são próprias das sociedades contemporâneas. Não queremos com isso descartar o que chamaríamos das “causas tradicionais” da violência, – tais como fortes aspirações de consumo frustradas, as desigualdades sociais, a segregação urbana, a anomia econômica, a exclusão social, a corrupção, a impunidade, o desmantelamento dos mecanismos tradicionais de socialização juvenil, o distanciamento entre pais e filhos, o avanço da sociedade de consumo, a diminuição das oportunidades oferecidas pelo mercado formal de trabalho e o avanço do narcotráfico, – destacados pela vasta teoria sobre a violência e criminalidade, mas apenas apresentar (rebuscando) outras alternativas teóricas e metodológicas que consideramos relevantes para se pensar a problemática da violência criminal, não só, no contexto de Belém, como também, no contexto de brasileiro, como um todo. Em segundo lugar admitimos que a vida cotidiana é uma realidade socialmente construída e a violência criminal exerce, de certa forma, uma influência nesse processo de construção. Ou seja, o enraizamento de violência criminal, o sentimento de insegurança, da incerteza, do imaginário e cultura do medo, exercem de certa forma, influência em até o que se pode denominar de “pequenas coisas” da vida cotidiana dos indivíduos que passa a ser caracterizada por um conjunto de táticas de sobrevivência (CERTEAU, 1998) que vão desde o simples fato de não sair uma determinada hora na rua, até ao que se denomina de “arquitetura de medo”, caracterizada, por um lado, por uma paisagem de casas, pontos comerciais e prédios públicos protegidos o tempo inteiro por elementos como grades e cercas elétricas (TAVARES, 2014), por outro, pela proliferação de condomínios fechados, consolidando-se uma política de segregação social.

Referências

- ADORNO, S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, v. 4, n. 8, p. 84-135, 2002a.
- _____. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. *Jornal de Psicologia-PSI*, n. 132, p. 7-8, 2002b. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down103.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2014.
- ADORNO, S.; BORDINI, E. B. T.; LIMA, R. S. Adolescência e as mudanças na criminalidade urbana. *Revista São Paulo em Perspectiva*. v. 13, n. 4, p. 62-74, 1999. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400007>>
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia de conhecimento*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BUBER, M. *Eu e Tu*. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. *Eclipse de dios: estudios sobre las relaciones entre religión e filosofía*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1984.
- CALLES, R. Martin Buber. Una alternativa al individualismo. In: BUBER, Martin. *El camino del hombre*. Buenos Aires: Altamira, 2004. p. 9-53.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- EUSÉBIO, Albino José. A complexidade dos problemas sociais e a Interdisciplinaridade no fazer sociológico: a culpabilidade em Paul Ricoeur e a análise sociológica sobre a reincidência criminal. Trabalho apresentado no ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE CIÊNCIAS SOCIAIS (ENECS), XXIX., Universidade Estadual de Maranhão (UEMA), São Luís/MA, 2014.
- _____. *Crime, lei e culpabilidade: uma abordagem sociológica sobre a reincidência criminal*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2015.
- FERREIRA, A. R. Crime, prisão, liberdade e crime, o círculo perverso da reincidência no crime. *Serv. Soc. Soc.*, n. 107, p. 509-534, 2011.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, São Paulo, v. 9, 2015. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/9o-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica>>. Acesso em: 25 nov. 2015.
- MARINO, J. M. F. Análise comparativa dos efeitos da base socioeconômica, dos tipos de crime e das condições de prisão na reincidência criminal. *Sociologias*, v. 4, n. 8, p. 220-244, 2002.
- MENDONÇA, K. M. L. Entre a dor e a esperança: educação para o dialogo em Martin Buber. *Memoradum*, n. 17, p. 45-59, 2009.
- _____. Televisão: Da profusão de imagens a cegueira ética. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 179-192, 2013a.
- _____. Entre a dor e a esperança: Educar em meio à barbárie. In: _____. *Valores para a paz*. Belém: UFPA/EditAEDI, 2013b. p. 35-58.
- MISSE, M. Crime e pobreza: velhos enfoques novos problemas. Trabalho apresentado no Seminário BRASIL EM PERSPECTIVA: OS ANOS 90. Laboratório de Pesquisa Social do Departamento de Ciências Sociais do IFCS-UFRJ, 1993.
- RICOEUR, P. Le sentiment culpabilité: sagesse ou nevrose. Dialogue avec Marie de Solenne. In: SOLEMNE, Marie de (Org.). *Innocente culpabilité*. Paris: Dervy. 1998.
- RICOEUR, P. *Finitud y culpabilidad*. Madrid: Trotta, 2004.
- _____. *O mal um desafio à filosofia e à teologia*. São Paulo: Papyrus, 1988.
- TAVARES, D. A. *A arquitetura do medo: memórias da paz e o cotidiano da insegurança no Bairro Sacramenta – Belém*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2014.
- VELHO, G. O desafio da violência. *Estudos Avançados*, v. 14, n. 39, p. 56-60, 2000a.
- _____. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. *Horizontes Antropológicos*, v. 6, n. 13, p. 15-29, 2000b.
- _____. *Projeto e metamorfose, antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- WASELFSZ, J. J. Mapa de Violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil. Brasília: FLACSO, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.net.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2015.
- WIEVIORKA, M. O novo paradigma da violência. *Tempo Social*, v. 9, n. 1, p. 5-41, 1997.
- _____. Violência hoje. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 11 (supl.), p. 1147-1152, 2007.
- ZALUAR, A. Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, v. 55, n. 2, p. 327-365, 2012.

Recebido em: 10.08.2015

Aprovado em: 29.11.2015